

O Governo Collor

O GLOBO

16 30 NOV 1991
ROBERTO LIMA NETTO

Enquanto a inflação não morre, o Presidente está tomando, com grande determinação, algumas medidas fundamentais — que não dão resultados espetaculares de imediato, mas que mudam, em sua essência, a economia deste país, possibilitando nosso futuro ingresso no Primeiro Mundo.

A primeira ordem de medidas tem a ver com a desburocratização da administração pública. Burocracia não é somente uma dor de cabeça para o povo e um desperdício de dinheiro para o Governo. Ela é, mais do que isso; é, freqüentemente, o caldo de cultura propício à prevalência da corrupção. Existe um velho dito popular que assim sintetiza o processo: "criar dificuldades para vender facilidades." Se simplificarmos a burocracia vai haver menos dificuldades — e, portanto, menos oportunidades de corrupção.

Outra ação fundamental do Governo Collor diz respeito à abertura da economia brasileira. O único meio de colaborar no combate à inflação e de tornar nossas empresas eficientes e competitivas é abrir nosso mercado à competição internacional.

Muitos economistas, especialmente os da esquerda mais radical, alegam que isso pode quebrar nossas empresas. Usam mesmo o exemplo de Martinez de Hoz, a Argentina. Bom, naquele momento, abriu-se a

economia, mas a taxa cambial para o dólar foi prefixada.

Em uma economia com o dólar livre, sujeito às regras de oferta e procura, se o País importar em excesso, o dólar vai subir, dando assim proteção adicional à empresa nacional.

É evidente que estamos raciocinando em termos macroeconômicos. Em termos micro, é possível que setores menos competitivos tenham que passar por corajosos reajustamentos para que se tornem competitivos. Diga-se de passagem, a competitividade industrial é um grave problema brasileiro, mas é também um grave problema para quase todas as empresas do mundo ocidental, em sua luta contra as economias industrializadas do Leste Asiático. Os japoneses, por exemplo, foram os que primeiro aplicaram o conceito de qualidade total — que, por ironia, foi descoberto por um americano, Mr. Dening. Não conseguindo tornar suas ideias aplicáveis nos Estados Unidos, ele se voltou para o Japão do pós-guerra, e ajudou a catalisar o milagre japonês. Também nesse ponto o Governo Collor está sendo revolucionário, pois lançou o Programa de Qualidade e Competitividade.

A CSN, que já vinha se interessando por esse programa desde o início de 1990, antes mesmo de o Governo federal se lançar nisso, já está bastante avançada em seus esforços, e está a caminho de ser uma empresa competitiva no mercado internacional. Aliás, aproximadamente 40% de suas receitas são de exportação, e os preços conseguidos no exterior, mes-

mo descontados os altos custos de transporte e de porto, proporcionam lucro para a empresa.

O Programa de Qualidade e Produtividade vai realmente mudar a competitividade desta Nação, tão prejudicada na década de 80 por uma visão protecionista anacrônica. É que as políticas econômicas protecionistas, válidas na década de 60 e aceitáveis na década de 70, se tornaram completamente absurdas na década de 80. O Brasil não viu o Mundo mudar e, como diz muito bem o professor Simonsen, ficou na contramão da história.

É verdade que o Governo Collor não conseguiu reduzir rapidamente a inflação a um dígito por ano, como tanta gente esperava. É verdade também que, como reflexo disso, sua popularidade baixou. Porém o que poucos se dão conta é que, reduzindo a burocracia no País, simplificando o Governo, liberalizando a economia, privatizando algumas empresas estatais — e, muito especialmente, introduzindo o Brasil na era da qualidade e da produtividade — o Governo Collor estará dando um gigantesco passo para colocar o Brasil no Primeiro Mundo, reduzindo gradualmente a inflação, diminuindo a miséria e as desigualdades aqui reinantes e dando aos brasileiros a chance de um emprego bem remunerado e de uma vida digna para si e sua família.

Roberto Lima Netto é Presidente da Companhia Siderúrgica Nacional.